

A RELAÇÃO DE CONTRIBUIÇÃO E AMPLIAÇÃO ENTRE O PROCESSO DE LETRAMENTO E O APRENDIZADO DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA

Helena Grinberg da Silva Barcelos (UNIGRANRIO)

leninhagrinerberg@gmail.com

RESUMO

O presente artigo propõe uma reflexão de como o aprendizado de uma língua estrangeira (neste trabalho, especificamente, a língua inglesa) pode contribuir no desenvolvimento do uso social das habilidades de leitura e escrita, ou seja, no processo de letramento de um aluno desta disciplina, especialmente na atualidade, em que a sociedade encontra-se cada vez mais grafocentrada (SOARES, 2009) e em crescente e contínua transformação viabilizada principalmente pela presença e uso frequentes de aparatos tecnológicos e da internet. Esta reflexão surgiu a partir das leituras realizadas para a redação da dissertação intitulada “Orientação curricular de língua inglesa na rede municipal de Duque de Caxias: histórico, limites e desafios”. Com este estudo, concluímos que um professor de língua inglesa que entende que uma língua, seja ela materna ou estrangeira, é um fenômeno social, histórico e ideológico, indo além de uma concepção sistêmica, estrutural e fixa, preocupa-se não apenas com a aquisição de vocabulário e estruturas sintáticas, mas também com a ampliação do processo de letramento de seus alunos e, assim, “o ensino de línguas estrangeiras se torna o ensino de novas formas de nos compreendermos e de percebermos o mundo” (JORDÃO & FOGAÇA, 2007, p. 87). Formas estas que, por estarem em outra língua, estariam inacessíveis sem o seu aprendizado.

Palavras-chave: Letramento. Língua materna. Língua inglesa.

1. Introdução

Na sociedade globalmente conectada em que estamos inseridos, destaca-se a necessidade do aprendizado de uma ou várias línguas estrangeiras, principalmente devido às exigências do mercado de trabalho que coloca o conhecimento de uma segunda língua como qualificação essencial para que uma pessoa se mantenha em condições de competir por uma vaga de emprego. Entre as línguas estrangeiras, a língua inglesa ocupa um lugar de destaque por ter assumido o papel de língua franca desta sociedade globalizada, já que para cada falante nativo de língua inglesa, há três falantes de Inglês como segunda língua, o que o coloca como a língua das fronteiras internacionais. (ERLING, 2005). Fitzpatrick & O’Dowd (2012, p. 3), alertam que

é muito provável que inúmeras pessoas ao redor do mundo precisarão do inglês em seus empregos. Sendo ao se comunicar com empregados, colegas, cli-

entes ou visitantes, a maioria usará a língua inglesa como língua franca, ou língua para comunicação mais ampla.

Paralelamente ao destaque que o aprendizado de língua inglesa tem ganhado nesta sociedade globalizada, questionamentos sobre o processo de alfabetização emergem. Para esta sociedade, não é mais suficiente definir leitura como decodificação de letras e escrita como codificação de ideias. O que viria além disso, o uso social, questionador e contínuo da leitura e da escrita é chamado de letramento.

A tecnologia trazida pela globalização nos permite ter acesso a informações e povos distantes principalmente pela internet, e o aprendizado de uma segunda língua nos coloca em condições linguísticas de interagir com estes povos distantes. Para navegar na grande rede, as habilidades linguísticas mais utilizadas são justamente a leitura e a escrita, que, muitas vezes, acontecerá em língua inglesa. Seria o aprendizado de Inglês um instrumento para o letramento nesta sociedade globalizada?

Primeiramente, este trabalho pretende lançar um olhar sobre a definição de letramento e em seguida será verificado se há bibliografia que aponte o aprendizado de língua inglesa como um meio para contribuir e ampliar o processo de letramento.

2. O que é letramento?

A palavra letramento com o significado que lhe é atribuído atualmente é relativamente nova em língua portuguesa, de forma que ainda há dicionários que não a incluíram como parte do vocabulário de nossa língua. Porém tem sido cada vez mais frequente encontrá-la em obras nas áreas de educação e linguística nos últimos 20 anos. Segundo Soares (2009), uma das primeiras aparições desta palavra ocorreu na obra *No Mundo da Escrita: Uma Perspectiva Psicolinguística*, de Mary Kato, em 1986. A autora afirma que novas palavras ou novos significados a palavras antigas surgem quando novos fenômenos precisam ser descritos e, portanto, se faz necessário debruçar sobre o termo para compreendê-lo.

Soares (2009, p. 17) afirma que a origem da palavra letramento com atual significado é uma versão para o português da palavra da língua inglesa *literacy*. Etimologicamente, a palavra *literacy* vem do latim *littera* (letra), com o sufixo *-cy*, que denota qualidade, condição de ser letrado, ou seja, estado em que se encontra quem é capaz de ler e escrever. Em inglês também há o adjetivo *literate*, e a sua tradução para o portu-

guês é letrado.

Dicionários bilíngues de inglês/português traduzem as palavras *literacy* e *literate* como alfabetização e alfabetizado, palavras difundidas e bastante conhecidas na língua portuguesa. Então por que “criar” novos termos? Porque as palavras letramento e letrado trazem consigo um significado mais profundo sobre o que é ser capaz de ler e escrever do que as palavras alfabetização e alfabetizado. Estas dão conta da habilidade de decodificar combinações de letras, que formam sílabas, que formam palavras e etc., e da tecnologia de lhes atribuir significado. Aquelas consideram o ato de ler e escrever como atos situados em um determinado tempo sócio-histórico, como uma condição que pessoas ou grupos sociais assumem por ter se apropriado da leitura e da escrita. Segundo Soares (2009, p. 17 e 18),

Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la. (...) Envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita tem consequências sobre o indivíduo, e altera seu *estado* ou *condição* em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômicos; do ponto de vista social, a introdução da escrita em um grupo até então ágrafo tem sobre esse grupo efeitos de natureza social, cultural, política, econômica, linguística.

Além de um estado, o letramento também é visto como um processo contínuo que vai além da educação formal recebida na escola e que perdura por toda a vida de uma pessoa. Crystal (2011, p. 6) afirma que o letramento não é uma habilidade “tudo ou nada”, mas um contínuo de níveis e domínios de habilidade graduais e crescentes.⁵⁹

É possível que o conceito de letramento venha ganhando destaque atualmente devido ao momento que a sociedade vive, quando a forma escrita da língua tem ganhado destaque no cotidiano das pessoas graças, principalmente, ao avanço tecnológico evidenciado por aparelhos como *notebooks*, *tablets* e *smartphones*, que fazem com que a internet fique cada vez mais acessível e móvel, e as habilidades linguísticas mais necessárias para o uso da internet são justamente a leitura e a escrita.

Esta sociedade cada vez mais grafocêntrica requer que as pessoas não só aprendam a ler e a escrever, mas também incorporem a sua prática

⁵⁹ Texto original: *Literacy is not an all-or-nothing skill, but a continuum of gradually increasing levels and domains of ability.* (Tradução nossa).

em seu dia a dia, que se envolvam com práticas sociais que incluam a competência de ler e escrever (SOARES, 2009), como ler livros, jornais, sites, redigir um ofício, preencher um formulário, encontrar informações na internet, ler um contrato de trabalho, compreender uma conta de telefone, ler e enviar torpedos e e-mails, entender uma bula de remédio. Soares (2009, p. 72) afirma que

Letramento é o que as pessoas *fazem* com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Em outras palavras, letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social.

O uso prático e social da leitura e da escrita de forma competente e frequente traz consequências positivas na vida do sujeito letrado, desenvolvendo entre outras coisas, sua cidadania através da possibilidade de participação pelo discurso, possibilitando assim, mudar a sua história e a do grupo social a que pertence. Soares (2009, p. 4) advoga que

Subjacente a esse conceito funcional de letramento, está a crença de que consequências altamente positivas advêm, necessariamente, dele: sendo o uso das habilidades de leitura e escrita para o funcionamento e a participação adequados na sociedade, e para o sucesso pessoal, o letramento é considerado como responsável por produzir resultados importantes: desenvolvimento cognitivo e econômico, mobilidade social, progresso profissional, cidadania.

A definição de letramento segundo Soares entra em consonância com a fala de Freire, quando ser letrado se torna ferramenta para a leitura do mundo e transforma o alfabetizado em sujeito transformador de sua história.

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros (...) ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos. (FREIRE, 1997, p. 46)

Freire já possuía a visão de que alfabetizar no sentido restrito de decodificar não era suficiente e que a leitura ideal iria muito além disso quando afirmou que “Não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho.” (FREIRE, 1991, p. 22)

A alfabetização (aqui restrita à habilidade de decodificação) normalmente acontece exclusivamente no ambiente escolar, porém o proces-

so de letramento acontece também em outros contextos e muitas vezes antes de uma criança entrar na sala de aula, como exemplifica Soares (2009, p. 24):

A criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda "analfabeta", porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é, de certa forma, letrada.

O fato de que o letramento acontece também fora da escola não exclui o papel que a educação formal possui neste processo. No ambiente escolar, é comum atribuir a responsabilidade de letrar exclusivamente ao professor de português. Porém a escrita de cada área específica de conhecimento tem suas peculiaridades e apenas os professores de cada área é que a conhecem e dominam, tornando o letramento atribuição, portanto, de todos os professores, de toda a escola, não anulando a responsabilidade mais específica do professor de Português com relação ao letramento, pois enquanto este é um “instrumento” de aprendizagem para os professores de outras áreas, para o professor de Português ele é o próprio objeto de aprendizagem, o conteúdo de seu ensino:

Em todas as áreas de conhecimento, em todas as disciplinas, os alunos aprendem através de práticas de leitura e de escrita: em história, em geografia, em ciências, mesmo na matemática, enfim, em todas as disciplinas, os alunos aprendem lendo e escrevendo. É um engano pensar que o processo de letramento é um problema apenas do professor de português: letrar é função e obrigação de todos os professores. (SOARES, 2000, p. 4)

Seguindo este pressuposto, qual seria o papel da língua inglesa enquanto disciplina do currículo no processo de letramento?

3. A língua inglesa como instrumento para o letramento

É cada vez mais notória a presença da língua inglesa no cotidiano brasileiro: ela está presente em marcas, nomes, produtos, anúncios, programas de TV e na internet. Consequentemente, o aprendizado de língua inglesa se tornou uma ferramenta que contribui para melhor compreensão de textos que frequentemente nos cercam, possibilitando uma ampliação do letramento. Saber inglês envolve questões políticas, econômicas, culturais, sociais e, inclusive, a possibilidade de ter acesso a outros discursos (FIGUEIREDO, 2009, p. 29). Moita Lopes (2005, p. 1, 3 e 4) compartilha desta visão ao afirmar que

A educação linguística em geral e especificamente, em inglês, tem papel

fundamental, contribuindo na construção de um discurso sobre a vida social que questione o pensamento único homogeneizador da vida contemporânea. O inglês pode ser usado como a língua comum por meio da qual podemos ler criticamente o mundo e participar em sua construção.

Para que o aluno de língua inglesa enquanto língua estrangeira do currículo do ensino fundamental, especificamente o aluno de escolas públicas, exerça a leitura crítica de mundo supracitada e dê continuidade ao seu processo de letramento, é necessário que se resgate a função social do ensino de língua inglesa, que deixe de lado sua neutralidade e contribua significativamente para a formação do jovem.

Em contrapartida, é possível encontrar professores que desconhecem outros métodos senão aquele com o qual aprendeu língua inglesa no passado. Com base no que funcionou e no que não funcionou consigo, professores estabelecem preferências individuais baseadas em experiências particulares e com base nestas preferências estabelecem suas atitudes para com as práticas que aplicam em sala de aula. Ao ensinar línguas estrangeiras, os professores e seus alunos adentram as salas de aula munidos de uma ou várias séries de pressupostos sobre o que seja uma língua e sobre o processo de ensino/aprendizagem daquela língua (JORDÃO, 2006, p. 1)

É comum que estes pressupostos trazidos para a sala de aula remetam a metodologias mais antigas, especialmente ao aprendizado estruturalista de língua, resumindo-a a um código a ser decifrado, o que não seria suficiente frente ao que os *Parâmetros Curriculares Nacionais* de língua estrangeira esperam que os alunos alcancem em suas aulas de língua estrangeira nas escolas de ensino fundamental: a ampliação de seu letramento como ferramenta para sua cidadania.

Para tanto a língua inglesa deverá fazer uso de seu principal instrumento de trabalho, a linguagem, que deve ser vista como um fenômeno social, histórico e ideológico, indo além de uma concepção sistêmica, estrutural e fixa, que ainda é a única forma que muitos professores a abordam em sala de aula. Trabalha-se a língua inglesa como se ela acontecesse em um vácuo social, desconectando seus enunciados de quem, quando e para quem eles foram produzidos.

A escola pode ensinar as pessoas a reconhecerem que aquele que fala, fala sempre de algum lugar, para outros que se posicionam em lugares também específicos. E que o falar e o agir vêm de determinadas perspectivas ideológicas, culturais, coletivamente construídas e têm implicações nas construções identitárias daqueles que com eles interagem. (JORDÃO, 2007, p. 24).

O professor de língua inglesa que se preocupa não apenas com a aquisição de vocabulário e estruturas sintáticas, mas também com a continuidade do processo de letramento de seus alunos e, no caso específico de uma segunda língua, com a possibilidade de expansão deste processo, entende a língua que está sendo adquirida como um discurso situado sócio-historicamente e planeja suas aulas de modo que os alunos desenvolvam a percepção de como as pessoas agem na sociedade por meio da palavra e a relação que há entre linguagem, o mundo social e a cidadania. Em outras palavras, quando a língua é definida como discurso, o ensino de línguas estrangeiras se torna o ensino de novas formas de nos compreendermos e de percebermos o mundo. (JORDÃO & FOGAÇA, 2007, p. 87).

Jordão (2007, p. 28) afirma que

Uma vez que os sentidos se constroem na língua, com a língua e pela língua, então aprender línguas é aprender procedimentos interpretativos e aprender procedimentos interpretativos criticamente é aprender a exercer a cidadania [...] é estar em processo de letramento crítico sendo capaz de elaborar entendimentos sobre o que possibilita a construção de certos pontos de vista e suas implicações para a vida e no planeta.

A aprendizagem de língua estrangeira, especificamente de língua inglesa, no ensino fundamental mostra-se como valioso instrumento no processo de letramento do aluno, tanto no que diz respeito ao acesso a outros textos e outros discursos que, por estarem em outra língua estariam inacessíveis, ampliando as possibilidades de se agir discursivamente no mundo, como por ser parte da construção da cidadania, pois é através da palavra e do engajamento discursivo que o meio social se constrói. (BRASIL, 1998)

Esta concepção de aprendizagem mais ampla, chamada de pós-estruturalista (JORDÃO, 2006), requer uma reformulação da estrutura de ensino de língua estrangeira, desde a revisão do papel social da escola até uma diferente formação profissional do professor de língua inglesa, que dê destaque ao papel social que eles desempenham na vida dos alunos e de suas famílias, bem como das comunidades nas quais participam. (JORDÃO, 2006, p. 8)

4. Considerações finais

Na sociedade pós-moderna em que vivemos, na qual, graças ao fenômeno da globalização de ao avanço da tecnologia as distâncias estão

menores e as pessoas estão interconectadas, o acesso a discursos distantes tornou-se bem mais fácil do que era há, por exemplo, apenas 20 ou 30 anos atrás. Este acesso ao “distante-próximo” frequentemente acontece em língua inglesa, por esta ser hoje a língua para comunicação universal; e normalmente acontece via internet, rede por onde é mais comum a utilização das habilidades de leitura e escrita.

Neste contexto social o aprendizado de língua inglesa apresenta-se como um valioso instrumento para o letramento, posto que este é um processo que não se limita à aprendizagem de léxico e sintaxe. Aprender a se comunicar em língua inglesa traz a possibilidade de ler outras realidades e compreender outros discursos que não estariam acessíveis com a dominação apenas da língua materna. Esta ampliação da visão de mundo, interação e até modificação deste mundo social pode ser entendida como prática de cidadania.

Este trabalho procurou mostrar a importância de compreender a função que a língua inglesa pode assumir no processo de letramento, contribuindo com o mesmo ao facilitá-lo e também ampliá-lo. O levantamento bibliográfico para a realização desta pesquisa apontou que há uma carência de pesquisas e publicações sobre como aplicar na prática os conceitos teóricos abordados aqui. Faz-se necessário, portanto, fomentar a pesquisa nesta área para que o aprendizado de língua inglesa assuma o sentido e a profundidade que a sociedade pós-moderna requer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira* / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CRYSTAL, D. The challenges of literacy. In: DAUBNEY, Brian. (Ed.). *Ways to Words: Ideas to enliven literacy and oracy*. St Katharine and Shadwell Trust, 4-7. Extracts from *The Cambridge Encyclopedia of Language*, 2011.

FIGUEIREDO, L. M. S. O ensino-aprendizagem de língua inglesa como prática de letramento: por uma intervenção híbrida e desestabilizadora. In: *SINAIS – Revista Eletrônica – Ciências Sociais*. Vitória: CCHN, UFES, edição n. 05, vol. 1, setembro. 2009, p. 27-44.

FREIRE, P. *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

JORDÃO, C. M. O ensino de línguas estrangeiras: de código a discurso. In: VAZ BONI, V. *Tendências contemporâneas no ensino de línguas*. União da Vitória: Kaygangue, 2006.

_____. *As lentes do discurso: letramento e criticidade no mundo digital*. Campinas: UNICAMP, 2007.

_____; FOGAÇA, F. C. Ensino de inglês, letramento crítico e cidadania: um triângulo amoroso bem-sucedido. In: *Línguas e Letras*, vol. 8, n. 14, p. 79-105, 2007.

MOITA LOPES, L. P. *Inglês no mundo contemporâneo: ampliando oportunidades sociais por meio da educação*. Texto base do Simpósio da TESOL International Research Foundation (TIRF), São Paulo, 2005.

SOARES, M. Letrar é mais *do que* alfabetizar. Entrevista ao *Jornal do Brasil*, 26/11/2000. Disponível em:

<http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-alfabetizar-lettrar/lecto-escrita/artigos/letrar%20%C3%A9%20mais%20que%20alfabetizar.pdf>.

Acesso em: 09-01-2013.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.